

*poemas*

# Língua Madre

**Andréa Catrópa**

## *índice*

### **organismo:**

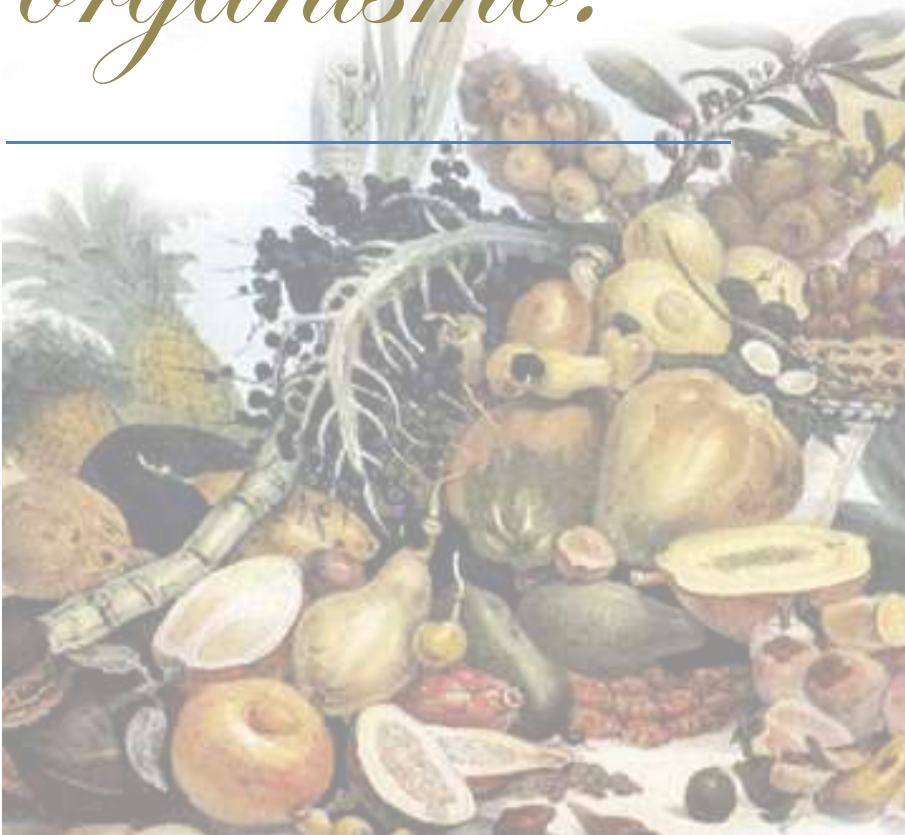
“a verdade é que narciso...”  
“eu seria uma adepta do ópio...”  
oblívio  
visita  
“leito de pedra”  
dramaldade  
legítima defesa  
vazado  
homologias  
brasileirinho  
“um horto de respostas covardes”  
insônio  
exílio  
linhagem  
líquido, o céu se acende  
contágio  
“instante anzol turquesa”  
clínica  
7

### **palavra.**

restauro  
vacuovoidpoem  
labirinto  
posmudo  
um pouco de terra na poeira cósmica  
o limite  
arte poética  
musa  
farmacologia  
artesanato da crítica  
detonador  
“lingua madre hóstia suprema...”

*organismo:*

---



**a verdade é que narciso nunca morre**

e aguarda como um jacaré

presas que com a desculpa da sede

vêm buscar seu reflexo n'água

**Eu seria uma adepta do ópio** se o medo de enlouquecer não tivesse interditado alguns de meus sonhos, uma aficionada por lençóis de cetim rosa com as pontas puídas bem dobradas sob o colchão, uma fetichista se não me desapegasse até do que adoro. Eu teria me entregado a algum vício, não fosse uma incapacidade abstrata, vaporosa até mesmo para o ócio.

## **oblívio**

Ainda que me forem interditados os dons, serei o demolidor de paredes. Vivi a vida pelo avesso, o segredo flutuou diante de meus olhos cegos e abertos. Grande ilusionista, a luz carrega em seus efeitos. Permaneço encantado. Esqueço, sou demolidor de paredes, possuidor da fala reversa a que o tempo não se rende, os olhos abertos ainda que cegos. Demolidor obcecado de paredes, não por um horizonte, mas pela ruína.

## **visita**

Disseram que viria, o duas-caras. Há dias, no entanto, o que me confrange é sua ausência. Pendurei lágrimas nos batentes, desenhei em cada canto da casa um dragão de sal. Esta noite, me visitou desacordada: nenhum fio de cabelo, a boca branca. Apesar da ferocidade, sua aparência é calma, quase convencional. Meu horóscopo prevê águas claras. Resolvi: o que mais prezo é minha estabilidade, este castelo de cartas. Só rezo para que ele não venha derrubá-lo.

**leito de pedra**

ou musgo – nada é macio do outro lado

corolas de papel rabiscos de criança

comovem o insone

que atravessa milharais e invade casas

a procura do que

dedos do amor

cravaram no ar

como cifra



## **dramaldade**

A unha quase perfurando o lábio numa situação corriqueira, é o fim da linha, o corpo anestesiado e triste inveja taras pueris. Seria fácil desejar tenras meninas. Elas depois poderiam reiniciar suas atividades, revigoradas, nenhum dano permanente.

24 pernas, velhas gordas, cachorros viciados? Fácil lidar com a repugnância dos próprios segredos. Ou ainda, chupar ossos, cozinhar veias, apaixonar-se por um coração morto. Fácil enforcar-se até o desmaio, viagem dentro da morte temporária.

O impossível é acordar em meu teatro, palco da perversão inexorável. Eu só queria sentir alguma coisa, enquanto espero um deus ex-machina para ressuscitar pobres-diabos que minha personagem tem aniquilado.

## **legítima defesa**

O que eu quero é incomodar. Dependendo do ponto-de-vista, há criaturas que só vivem para isso: a ferroadada, o desconforto, o mal estar. Entenda minha intenção. Este é só um carinho diferente, talvez inverso. Não sou tímido o bastante para me calar. As palavras rumam para a boca como um exército de formigas. Furiosas. Espalham-se, deleite precoce. E o arrependimento é igualmente curto para que eu me esqueça e repita tudo como da primeira vez. Como se os deuses tivessem ressuscitado para me dar uma punição exemplar. As formigas. Se não as liberto, é contra mim que se voltam.

**vazado**

abutres com bandeira a meio-pau

sorvedouros de insônia projeções de salto

inúteis

as primaveras na cidade

não florescem

no vaso

pétalas fazem

da mesa um trampolim

para a morte

## **homologias**

Foi com a melhor das intenções que calamos os pássaros e destacamos pontos iluminados pela predominância da sombra. A doçura resultou, assim, de nossa invenção do amargo.

Sua careta me faz graça e também me enche de pena, mas precisamos da inocência para fabricar os sábios, queremos seu torpor como mola de um salto. Sabemos que seguiremos assim sendo diferentes, mas com um sempre tênue ponto de contato.

## **brasileirinho**

l'ennui é o que arrasa os corpos no morgue, meu amor,  
não o que deveríamos sentir com tantos chocolates nas vitrines  
e amantes sorvendo café enquanto trançam pernas.

turistas no nosso país, chéri.

lembro-lhe que le spleen est né em Paris

e agora podemos rir aplaudindo baianas sambando  
ao som de metranças e pivetes esmagando o grilo  
da fome na garganta.

**um horto de respostas covardes:**

entre o estudo e a vontade, arreganha-se o medo.

lacre para feridas.

a pá de cal, o peito morto são pura bobagem.

não é o cemitério um viveiro de criaturas?

como um meteorito prestes a desmascarar a face da terra,

o submundo avizinha-se.

## **insônia**

sabe quando tudo pode porque ainda é  
um curto-circuito mínimo no cérebro  
que não queima casas ou florestas  
mas clareia o sono até o insuportável  
e a dúvida é  
hastear ou não  
a bandeira  
da doença

## **exílio**

disposto a desatracar o barco

a olhar para si inútil e simbólico como uma bandeira

primeiros passos no idioma estrangeiro

entorpecem sua língua

ele ainda dorme com torrões de terra sob o travesseiro

e sonha envolvendo numa névoa longínqua

a mãe



## **linhagem**

é difícil deixar a casa

abandonar a própria carne

e como fruto

ser mastigada por uma boca qualquer

tornar-se adulta é manchar de prata os cabelos do pai

enrijecê-lo de tal forma

que só em cinzas

ele se dissolva

## **líquido, o céu se acende**

bolas de luz sob a neblina

teto aterrador

o universo acaba onde meu pensamento

não chegará

## **contágio**

Dia bem claro, zumbis esquivos. Mas para onde iriam? A luz e a escuridão são para eles absoluta dualidade, não encerram futuros ou relógios. Acordam na noite, miram a lua como mariposas. Quando chega o sol, são ícaros. Antes de perder as asas, se escondem. Sabedoria inata. Inocência do malefício. Querem carne. Porque assim deve ser. Não questionam nada. Vagam com dentes afiados – e só com a dor alheia podem se manter.

**instante anzol turquesa**

umidade exacerbada

o caroço se expande no ventre da cereja

até ontem fomos

errantes ameahamos foices

a ceifeira, no entanto, segue

em seus cantos

e nos libera – armadas

tendas e redes – para um

provisório descanso

## **clínica**

a democracia da beleza é também  
flagelo – quantos pontos, doutor Stein  
quanto sangue  
o que não desperdiçamos na guerra  
vertemos solícitas

não se lembre de mim assim, doutor,  
quando penso em hematomas  
tomo-os por conceitos filosóficos  
a perfeição é um golpe de bisturi  
nos olhos dos imperfeitos  
e quando caírem as ataduras  
posso chamá-lo de Frank?  
o passado já será  
esquecimento

toco piano tranço cabelos

tiro chumaços do ralo.

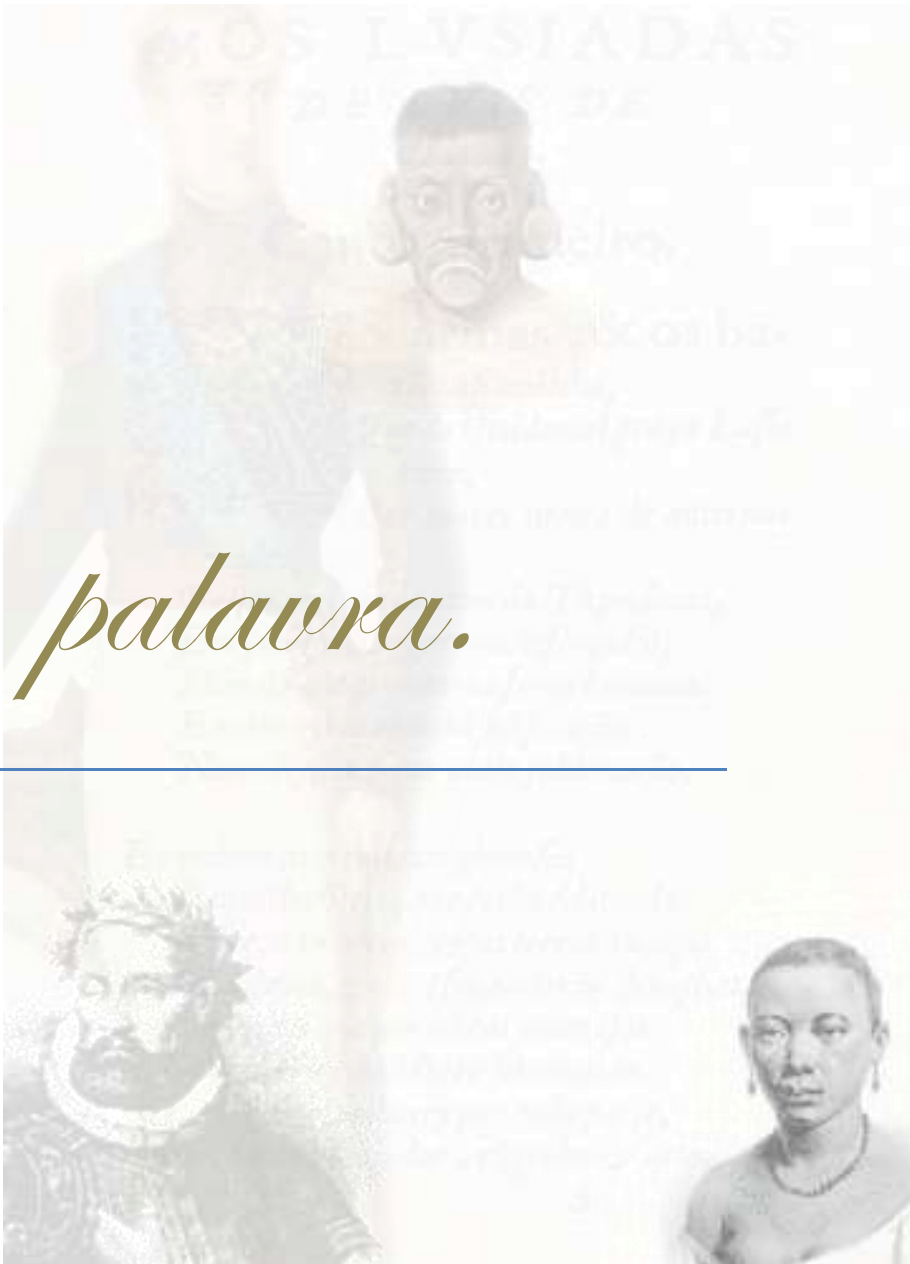
troco de posição com o diabo.

ele reclama das suas atribulações.

dou o troco.

um terço disto tudo é meu.

e não abro.



*palavra.*

**restauro**

lixar com cuidado

até a camada original

onde o brilho da palavra

oculta o artifício



## **vacuovoidpoem**

you reconhece aqui  
a algazarra de silêncios,  
as palavras brancas e cruzadas  
que nunca deveríamos usar?  
nossa gramática inversa – metros mancos, rimas encardidas,  
sampler de ritmos e o vocabulário que nos trai: quanta displicência  
séria quando o assunto é  
sermos contemporâneos

## **labirinto**

o túnel que cavamos não nos tira da prisão,  
trilha do desengano  
se essa rua fosse minha  
nos levaria a outro lugar,  
mesmo através de pedras vulgares,  
mas é um beco

## **posmudo**

angústia, Augusto, de que nosso tempo passe  
sempre algures e não responda por um nome  
de que crianças nasçam e decantem em solos  
deslocados e que nossos avós tenham enterrado  
sonhos que confinaremos em caixões separados

## **um pouco de terra na poeira cósmica**

se alienígenas

construírem naves

por que não poemas

telepáticos

prolongando no espaço

as saudades do arcaico?

## **o limite**

as roupas e as cercas

a pele sobre os órgãos

nosso fardo e conforto

fachada e faca

que afasta

o que

toca

## **arte poética**

debruçados sobre o mesmo  
problema o velho aristóteles  
e eu justificando hábitos caros  
de uma frágil dama

perdida há séculos  
renovam-se os álibis  
mantém-se a suspeita  
de que seja inútil  
e leviana

**musa**

fantasma do texto boca da palavra sexo de mulher que fala

serpente que engole a própria cauda

e no branco espalha o gozo

lágrima da tara

## **farmacologia**

compre sua dose

de doença

(imune à overdose)

para ter a descarga elétrica

o transtorno psiquiátrico

a emoção incontrolável necessária

a cada poema



## **artesanato da crítica**

tricotando teses,  
penélope em sua janela,  
paciência zero  
mas sem o prazer do confronto  
com um mundo que se desfaz  
enovela com desvelo  
a ira  
e a ruína alheia,  
requentada,  
é a melhor resposta

## **fauna rodriguiana**

duelos onde espadas são palavras  
conversas típicas de um covarde  
(onanista proxeneta pederasta)  
para aqueles que oferecem a outra face  
enquanto jantam perversidades  
o frio na espinha aponta para o corpo  
uma pistola catártica

## **detonador**

liberta do planalto das telenovelas

das tesouras jornalísticas

o organismo palavra pulsa

tic tac da bomba

que espatifará um peito salvará um homem dará ao nascimento

um nome

**língua madre hóstia suprema**

da cárie da baba

selando com saliva

aliança de dois mundos

o primeiro beijo

a última palavra